

Há 31 anos, angústia no sepultamento de Getúlio

A dor silenciosa dos gaúchos carregando nos ombros o caixão, em contraste com a explosão do povo do Rio de Janeiro no velório, é uma das recordações marcantes do senador Amaral Peixoto (RJ), presidente do PDS, do sepultamento do ex-presidente Getúlio Vargas, seu sogro, em agosto de 1954.

Ao seu lado, no enterro, estava o então deputado federal Tancredo Neves, que havia sido o último ministro de Getúlio Vargas. Amaral não se lembra do discurso de Tancredo, mas recorda-se que o ex-ministro Osvaldo Aranha perguntou-lhe: "O que eu vou dizer após este discurso do Tancredo?"

O pronunciamento de João Goulart, futuro presidente da República, que seria deposto pela Revolução de 64, ficou, porém, na memória de Amaral Peixoto. "O Jango lia trechos da Carta-Testamento do presidente Getúlio Vargas e comentava-os".

Tancredo Neves ficou hospedado com Amaral Peixoto

na casa de um parente de Alzira Vargas, sua esposa. "Eu não me lembro do discurso do Tancredo Neves porque, enquanto ele estava falando, tive de dar maior atenção à Alzira". Ela era a filha diletta de Getúlio Vargas.

No dia da entrevista, o senador Amaral Peixoto recebeu mais um dos trechos impressos de seu livro de memórias. A última pergunta impressa é um depoimento que deu em fevereiro de 1984 sobre o futuro político do Brasil. Perguntaram-lhe como seria a sucessão do presidente Figueiredo e ele citou o governador Tancredo Neves, de Minas Gerais, como o mais indicado. "Fiquei muito emocionado ao ler isto" — comentou.

É difícil, a seu ver, fazer um paralelo rápido entre o ex-presidente Getúlio Vargas e Tancredo Neves. "Eu disse a ele, quando foi eleito, que assumiria o Governo com a mesma responsabilidade do Dr. Getúlio em 1950, a de fazer os milagres exigidos pelo povo".